

Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60¹

Sara Hermógenes Silva²

Paulo César Boni³

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo a Avenida Higienópolis, uma das mais antigas, extensas, importantes e glamourosas de Londrina, no norte do Paraná. A Higienópolis foi um projeto de colonizadores paulistas, inspirados na Avenida Paulista. Como a sua fonte de inspiração, ela foi criada para ser estritamente residencial, mas foi perdendo essa característica com o passar dos anos. Contudo, entre as décadas de 30 a 60, reuniu mansões e palacetes da burguesia londrinense e tornou-se uma espécie de ponto turístico para visitantes de outras localidades. Para a realização deste trabalho, ainda em andamento, foram adotadas as seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica, história oral e pesquisa documental, calcada na coleta de documentos – especialmente fotografias – e textos de jornais e revistas de época. Como referenciais teóricos foram adotadas obras sobre a história de Londrina, como *Planejar é preciso*, do arquiteto João Baptista Bortolotti, e de experiências semelhantes, como *Avenida Paulista: um século de história*, de A. Marx e *O álbum da Avenida Central*, de Marc Ferrez. A pesquisa pretende resgatar e organizar a história da Avenida Higienópolis e torná-la conhecida e acessível, com a publicação de artigos em periódicos e livro, amplamente ilustrados.

Palavras-chave: História de Londrina (PR); Avenida Higienópolis; Documentação iconográfica; burguesia londrinense.

¹ Trabalho apresentado no GT – História da Mídia Audiovisual do VII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em Fortaleza (CE), de 19 a 21 de agosto de 2009.

² Estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisadora de Iniciação Científica. Bolsista do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: pessara@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

Introdução

Londrina se emancipou politicamente em 10 de dezembro de 1934, menos de uma década depois da chegada de seus desbravadores e dos primeiros pioneiros. Colonizada pelos ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a cidade viveu rápido crescimento e enriquecimento, impulsionado principalmente pelo café, que era chamado de “ouro verde”. Na década de 60, tornou-se informalmente a “Capital Mundial do Café”.

A concepção da Avenida Higienópolis

Neste contexto de crescimento e expansão, a cidade foi sendo planejada e construída para atender aos anseios do grupo dominante: os burgueses. Dessa forma, nos anos 30, a Avenida Higienópolis era um projeto de transposição do estilo de vida de São Paulo para o *hinterland* do Paraná (Figura 1). Nos anos 40, mas, sobretudo, nas décadas de 50 e 60, ela espelhava o aburguesamento da vida cidadina. “Um passeio atual pelas esquinas da Av. Higienópolis permite redescobrir remanescentes de palacetes “aristocráticos”, lembranças de uma Londrina idealizada”, afirma Yamaki (2006). As casas de muros baixos com jardins bem cuidados criavam um cenário em que as famílias ainda não se escondiam do mundo público. Contudo, era um território exclusivo de algumas famílias notáveis da cidade.



Figura 1 - Início das construções na Avenida Higienópolis, que não constava do projeto inicial da cidade e só recebeu asfalto na década de 60

Fotografia: Oswaldo Leite

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Seu traçado original foi concebido por Mr. Arthur Thomas – diretor presidente da CTNP – inspirado no bairro aristocrático (Higienópolis) de São Paulo. Mr. Thomas cedeu às insistências do russo Eugênio Victor Larionoff, também diretor da CTNP e seu secretário particular (cuja família residia no bairro paulista), e de George Craig Smith, que reivindicavam sua abertura. Como Londrina, na época, só possuía avenidas estreitas, a ideia foi projetar uma avenida larga, com alamedas e jardins. O local escolhido não foi por acaso: era o ponto mais alto da cidade, o mais arejado, livre das epidemias que ocorriam no centro do núcleo urbano, portanto o local mais “higiênico”.

A primeira construção de alvenaria puramente residencial data de 1936, de propriedade de Larionoff, o maior incentivador da avenida. A construção era uma imitação dos modelos existentes no bairro paulista. Em seu plano original (Figura 2), a Higienópolis selecionava o setor centro-sul como área nobre, cujo valor decrescia em relação ao afastamento tanto no sentido sul como no sentido norte da via. Nela, não era permitido



construir edificações de madeira (Figuras 3 e 4), uma vez que era “reservada” à elite, embora, nesse momento, tanto o Paço Municipal quanto as igrejas da cidade ainda fossem de madeira. Eugênio Larionoff deixou Londrina em 1947, mas permaneceu trabalhando na CTNP, em São Paulo, até falecer.



Figura 2 – Avenida Higienópolis em seu início, na década de 30: o trecho inicial compreendia o espaço entre as ruas Sergipe e Alagoas

Fotografia: Oswaldo Leite

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss



Figura 3 – Primeira casa de alvenaria da Avenida Higienópolis, no cruzamento com a rua Sergipe.
Fotografia: José Juliani

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Gilberto Santos, primeiro vice-prefeito de Londrina, lembra de alguns ilustres moradores da Higienópolis na época de sua criação. Em uma crônica de 1996, para o jornal *Folha de Londrina*, ele descreve uma família de ciganos que residia na avenida:

Os homens usavam grossas correntes de ouro no pescoço e pulseiras de alto valor. As mulheres usavam vistosas e compridas saias coloridas. Na cabeça, o característico lenço zíngaro. Era uma família comandada pelo Lazinho, conhecido comerciante cigano e chefe de todos os outros da região norte. O comportamento dessa família sempre foi exemplar e respeitoso. (SANTOS, 1996).

Santos lembra também alguns moradores que possuíam casas logo após o cruzamento da Sergipe (Figura 5): o médico Newton Câmara, que empresta o nome ao edifício que foi

erguido onde antes se localizava sua residência; Celso Garcia Cid, fundador de uma das maiores empresas de transporte rodoviários do país, a Viação Garcia; Nelson Rosário, que foi chefe do posto de saúde, deputado federal e secretário de estado; Vivi Xavier, vereador e prefeito interino, que empresta seu nome para um dos maiores conjuntos habitacionais do município; Fioravante Bordin e Atílio Bizato, empresários do grande conglomerado comercial de Londrina, a Casas Fuganti S.A.



Figura 4 – “Na foto do Álbum de Londrina – 1941, a ‘Vista da Av. Higienópolis’ é a de uma avenida de terra com largo canteiro central”, descreve Yamaki

Fotografia: Oswaldo Leite

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss



Figura 5 – Vista aérea da Avenida Higienópolis em 1950

Fotografia: Oswaldo Leite

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

As transformações da avenida

A transformação da Higienópolis iniciou-se na década de 60, quando o então prefeito Milton Menezes determinou que os proprietários de terrenos e imóveis na doassem uma parte do terreno para as obras de ampliação (aumentar a largura) da avenida. Seria uma espécie de “desapropriação amigável”, pois o prefeito se recusava a pagar indenizações por achar a medida justa. Alguns moradores não aceitaram e exigiram pagamento na Justiça, como a família Agari e o morador Domingos Lourenço, conhecido como “Bodero”, por criar caprinos, em especial bodes, em grande quantidade. Mas a maioria dos proprietários



compreendeu a magnitude da obra e doou parte de seus terrenos sem reclamar, como foi o caso da família de Margarida Marx, que havia se mudado para Londrina em 1935. Fugindo da perseguição semita de Hitler, por ser descendente de judeus, o pai de Margarida, Sr. Jacob Marx, comprou uma chácara no terreno onde hoje é o cruzamento da Higienópolis com a avenida Juscelino Kubitschek. Dos 24.200m² de sua propriedade, cerca de 6.000m² foram doados à prefeitura, para o alargamento da avenida.

A maior mudança, no entanto, teve início na década de 70: a avenida, que até então era estritamente residencial, passou a dar lugar ao comércio. A tendência foi registrada pelo periódico londrinense *Panorama*. O jornal assim registra:

O tradicionalismo da avenida é o argumento mais utilizado pelos que defendem a permanência das suas características. O médico radiologista Guilherme Rizzi, morador há 15 anos da avenida, organizador que reuniu mais de 300 assinaturas contra a construção de edifícios na redondeza, é um deles: Esta aqui é a avenida mais bonita da cidade, como ficará virando um centro comercial? Não quero e falo mesmo contra o meu interesse, pois meu terreno valorizará muito com esta mudança. Eu pergunto: como ficará o estacionamento para os carros? Como as crianças vão para a escola com o aumento de movimento por aqui? Acho que só é a favor de uma coisa dessas quem tem interesse na valorização de seus terrenos. (PANORAMA, 1975).

Apesar da entrada de salões de beleza, consultórios, lojas de roupas, calçados e sorveterias, o perfil social da avenida não foi totalmente modificado. Todos os estabelecimentos comerciais que nela se instalavam tinham como público-alvo a classe alta de Londrina. A Higienópolis era procurada pelos empresários para associar seu glamour ao nome das lojas, entre outros fatores, tais como: o clima mais tranquilo, ao contrário do ritmo frenético do centro, o maior número de vagas para estacionamento e o poder aquisitivo dos moradores.

Hoje, as antigas residências já cederam seu lugar para edifícios residenciais de luxo, outras foram transformadas em centros de compras, bancos, agências de turismo, locadoras de vídeos, bares, restaurantes e docerias.

O processo é percebido como inevitável por Edvir Alves dos Santos, morador da avenida há 47 anos e dono de uma confeitaria no local desde 1970: “Quando chegamos aqui era tudo mato. Só passava cavalo, carroça, boiada. O Lago Igapó não tinha ponte, só uma passagenzinha para cavalos. Hoje, fica difícil morar por causa do barulho dos carros, tem muito movimento. Realmente a tendência é ficar só o comércio.”

Danilo Calegari, dono de uma floricultura na avenida há 26 anos, considera as mudanças positivas e relata:

Se você subir ou descer totalmente a avenida, você encontrará poucas residências. É importante isso porque quando você tem muito comércio, a tendência dos compradores, dos consumidores, é buscar uma avenida onde ele possa encontrar tudo. Num lugar só ele encontra floricultura, gastronomia, compras em geral de roupas, tecidos, calçados. A Higienópolis pode ser comparada a um shopping.

Os dois proprietários – Edvir dos Santos e Danilo Calegari – têm uma reclamação em comum: os menores infratores que atuam na região, conhecidos popularmente como “trombadinhas”. A confeitaria de Edvir foi assaltada oito vezes nos últimos anos. De acordo com Danilo, o problema dos menores surgiu em 2003 e até hoje não foi resolvido. Ele também afirma que o horário mais crítico é o da noite, “quando as pessoas buscam a gastronomia, e nós estamos perto dos principais restaurantes. Os meninos que vivem na rua se aproximam dessas pessoas para pedir e também para traficar; eles são usados como ‘mulas’ por serem menores de idade”. O empresário relata que várias reuniões já foram feitas com a Polícia Militar e considera boa uma das medidas adotadas pela PM, a de manter uma viatura na esquina das avenidas Juscelino Kubitschek e Higienópolis, todas as noites, até 1 hora da manhã.

Recentemente, vários estabelecimentos dispensaram a boa localização da avenida e o bom poder aquisitivo da população em seu entorno e migraram da avenida glamourosa para ruas próximas e menos movimentadas. É o caso, por exemplo, da loja especializada em

vinhos, a *Vinhos e Cia*. Ela estava instalada na Higienópolis havia 12 anos, quando seu proprietário decidiu se mudar para a rua Goiás (que é perpendicular à Higienópolis) em 2002. O gerente Paulo César Rocha Fuzinato explica que o local que a loja ocupava na Higienópolis era muito apertado e o estacionamento destinado aos clientes muitas vezes era ocupado por motoristas alheios ao seu negócio. O público da loja também mudou, como relata:

Como na Higienópolis tem muito trânsito de pessoas, várias entravam apenas para conhecer ou dar uma olhadinha. Acabavam saindo sem levar nada ou aproveitavam para comprar frios, como presunto e mussarela. Aqui na Goiás, por ser um local menos movimentado, as pessoas já vêm direcionadas, ou seja, já entram sabendo o que querem. A maioria vem atrás de vinho.

Outro ponto positivo para o estabelecimento foi o maior espaço, que proporcionou a criação de um pequeno restaurante. “Agora as pessoas podem degustar seu vinho aqui mesmo, fiquem um pouco para conversar...”, afirma Paulo Fuzinato.

Considerações preliminares

Assim como é possível perceber as diferentes maquilagens que a avenida recebeu ao longo de sua história, hoje é possível notar na passagem do dia para a noite, ou na passagem dos dias úteis para o fim de semana, as transformações da Avenida Higienópolis ao receber os seus frequentadores. Eles a procuram com diferentes finalidades: de dia, durante a semana, a avenida se comporta como um grande shopping em espaço aberto; à noite, nos dias úteis, suas atividades se restringem aos interiores dos restaurantes e bares. E nos finais de semana é procurada como cenário de múltiplas utilizações de lazer. A Higienópolis passou a “exibir” cenários nos quais se abrem espaços para a criatividade, isto é, onde os diferentes grupos



chegam, se apropriam dos vários territórios e estabelecem seus códigos específicos: da paquera, da amizade, dos encontros, das turmas de esquina, dos “desfiles” de motos e carros.

Ao analisar as transformações sofridas pela Avenida Higienópolis ao longo do tempo, transformações que geralmente sempre expressaram – e expressam – diferentes fases do crescimento econômico e desenvolvimento social de Londrina, é possível inferir que, independente de seu glamour inicial, reduto da burguesia londrinense, e sua atividade comercial nos anos mais recentes, a Avenida Higienópolis sempre se caracterizou como um “cartão de visita”, uma referência iconográfica da cidade.

Referências

BRIGUET, Paulo. In: *Folha de Londrina*, 4/06/95, p.4.

CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura londrinense**: expressões de intenção pioneira. Londrina: Edição do autor, 2002.

MAZZINI, Fernanda. In: *Jornal de Londrina*, 25/08/2002, p.8.

MEMÓRIAS e cotidiano. Cenas do Norte do Paraná: escritos que se recompõem. Londrina: IPAC/UEL.

SANTOS, Gilberto. In: *Folha de Londrina*, 19/08/96, p.2.

SCHWARTZ, Widson. In: *Jornal de Londrina*, 9/04/2001, p.8.

_____. In: *Jornal de Londrina*, 29/08/98, p.4.

TRIGUEIROS, Marian. In: *Folha de Londrina*, 1/10/08, p.1.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da memória**: paisagens de Londrina. Londrina: Humanidades, 2006.

